

EUCLIDES E A CRIAÇÃO DA REALIDADE / *Os Sertões*

Antonio Brasileiro

Legiões de homens estropiados, com suas armas toscas, a bater-se contra o exército nacional: foi isto o que se viu, do amanhecer ao pôr-do-sol daquele 1 de outubro de 1897. Os mortos, todos: os derrotados. Canudos, o nome do palco destruído, um arraial troncho de vinte mil pobres almas do qual uma só casa não restou de pé; jagunços, um feio nome facínora, seus heróis; o fanático Antonio Conselheiro, o comandante-em-chefe. Foi a mais absurda guerra da história do Brasil.

E pensar que tudo ficaria tão só esbranquiçada memória não fosse aquele sujeito chamado Euclides a ter presenciado!

Reconheceríamos ser esta uma maneira incomum de se iniciar uma conferência, não se tratasse de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, uma das obras mais intrigantes já escritas no Brasil. Misto de literatura e história, a bem dizer – e com uns certos laivos de ciência, acrescente-se (para bem ou para mal) –, *Os sertões* é para nós, brasileiros, um clássico. Nossos livros didáticos, pelo menos até os anos 60, registravam, para que a bem assimilássemos, a frase magna da obra: “O sertanejo é antes de tudo um forte.” Algo de fato altissonante; barroquizante – se assim nos podemos expressar. Mas, absolutamente, bem pouco distante da verdade.

1 Conferência pronunciada na Université d'Artois (França), em programa de intercâmbio dessa Universidade com a UEFS abril de 2001.

Euclides, este, teve também seu barroco fim: morreu num duelo a bala; motivos passionais. Tinha 43 anos. Este professor de lógica de um dos mais conceituados colégios da época, e que há exatos cem anos escrevia as últimas páginas do seu fascinante livro, vai estar um pouco, agora, conosco.

Não é bem da guerra que quero falar, entendam. Será mais próprio dizer que estarei falando sobre o livro que a registrou. Isto faz alguma diferença: tenho cá comigo umas suspeitas de que foi justamente o livro que fez aquela guerra “existir”. A verdade é, um pouco, o que escrevemos. Quero falar, portanto, dessa ligação, agora verdadeiramente um tanto não desenredável, entre a ficção e a realidade.

Mas vamos, de todo modo, à guerra. Ela ocorreu ali, a 150 km de onde estou digitando esta conferência. Canudos, o cenário, era só um amontoado de casebres. O homem que a comandava, Antonio Conselheiro, tinha um nome emblemático e histórias. Adoravam-no. Em suas prédicas, aquele Jesus Cristo dos ainda mais miseráveis exclamava apontando os morros e rios circundantes: serão montanhas de cuscus e rios de leite. E vociferava, dirigindo-se talvez aos opressores do litoral: *O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão*. As gentes das redondezas, e ainda de mais distante, vinham para escutá-lo.

Mas o fato é que a fome, essa, grassava.

Era este o estado de coisas que o engenheiro Euclides da Cunha encontrara ao desembarcar no sertão baiano naquele outubro de 1897. Vinha cobrir a guerra para *O Estado de S. Paulo*, um jornal do sul. Chegara nos últimos dias. Mas vira muito. Vira praticamente tudo. Pelo menos, foi em grande parte com base em seu depoimento que os historiadores que vieram depois redigiram seus escritos. Eis porque se tem Euclides como um dos criadores da nossa realidade.

Seus registros vão muito além da guerra em si. Cento e sessenta páginas, das quatrocentas e quarenta que compõem o livro, são dedicadas à terra e ao homem. Em geral, os leitores brasileiros acham enfadonhas essas páginas preparatórias. Na verdade, não são. É que as páginas dedicadas à luta propriamente dita – descritas a partir do segundo terço do livro – ultrapassam, em beleza, os limites do simples estudo. Agora, o engenheiro/jornalista já toma partido: a nascente república (criada em 1889, com a deposição do imperador D. Pedro II) pela qual lutara anos antes e que o enviara para cobrir a batalha final do exército contra os renitentes jagunços do Conselheiro, vai merecer dele não só a mais perfeita cobertura jornalística, como também as críticas mais acerbas. Aquela campanha – escreve Euclides – “foi, na significação integral da palavra, um crime.” Os jagunços nordestinos não eram, longe disto, feras perigosas a

ser dizimadas; suas queixas contra as *leis do cão* (as leis da nova república, segundo os revoltosos) não representavam nenhum problema especificamente político, mas social. “Façamos jus ao admirável conceito de Taine” (isto vai aqui entre aspas, e é de Hippolyte Taine que ele fala) sobre o narrador sincero que encara a história como ela merece:

...il s’irrite contre les demi-vérités qui sont des demi-faussetés, contre les auteurs qui n’altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, qui gardent le dessin des événements et en changent la couleur, qui copient les faits et défigurent l’âme; il veut sentir en barbare parmi les basbares, et, parmi les anciens, en ancien. (p.8)

Firmado e datado: São Paulo, 1901. Há exatos cem anos.

No ano seguinte, 1902, o livro foi publicado. Fruto de quatro anos (desde o fim da guerra, em 1897) de trabalho para ordenar e aprofundar o conteúdo das reportagens, mas sobretudo da memória abalada, *Os sertões* já nascia um clássico. Liam-no, discutiam-no. Os quatro anos passados, muito longe de fazerem esquecer o drama de uns miseráveis, reavivaram um certo difuso sentimento de solidariedade que quase se poderia dizer de uma nação. Fiel a Taine, Euclides da Cunha sabia do valor que a intensidade da descrição conferia ao objeto descrito; construções ambas, história e ficção (parecia ele intuir) só sobrevivem pelo estilo. Debruçado sobre a volumosa papelada das anotações, o estudioso já não se interessava pelo simples e honesto registro do fato; queria edificá-lo, imprimi-lo indelevelmente nos corações. Daí o artífice da palavra e da imagem. Se, por vezes, esse estilo parece veicular idéias ainda mal digeridas de uma época, como na descrição do valente Pajeú:

Capitaneava-os, agora, um mestiço de bravura inexcelsível e ferocidade rara, Pajeú. Legítimo cafuz, no seu temperamento impulsivo acolchetavam-se todas as tendências das raças inferiores que o formavam. Era o tipo completo do lutador primitivo – ingênuo, feroz e destemeroso – simples e mau, brutal e infantil, valente por instinto, herói sem o saber – um belo caso de retroatividade atávica, forma retardatária de troglodita sanhudo apurando-se ali com o mesmo arrojo com que, nas velhas idades, vibrava o machado de sílex à porta das cavernas... (p.205)

Por muitas outras, é justamente ele (esse mesmo estilo) que nos faz volver àquela “realidade maior do que a realidade”, dos versos do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, também nitidamente vislumbrada por aquele Camões em:

Cousas há i que passam sem ser cridas,
E cousas cridas há sem ser passadas.

Não que o estilo seja o justo e correto. O próprio Euclides já bem via isto quando escreveu: “Se um grande homem pode impor-se a um grande povo pela influência deslumbradora do gênio, os degenerados perigosos fascinam com igual vigor as multidões tacanhas.” (p.217) Mas é o estilo, sim – dizemos –, o fadado a permanecer. Isto é decerto uma defesa da literatura, reconheço. Mas a vida escrita é, de certo modo, literatura. A “Tróia de taipa dos jagunços” – como Euclides denominava Canudos em sua exaltada evocação de Homero –, é, queiramos ou não, literatura. Não houvesse quem a descrevesse, e com as exatas palavras da arte literária, teríamos no máximo uma mancha de brutos e quase indistintos fatos perfeitamente ilháveis no espaço e no tempo. A luta do dia 1 de outubro, por exemplo, à qual o escritor assistira de binóculo desde os montes que rodeavam a vila rebelde, ao lado das guarnições e seus canhões tonitruantes, é descrita com minúcias de pesquisador, mas é sobretudo o estilo exímio de grande romancista o que se mostra em toda sua pujança. Os exemplos são inúmeros. “Fechemos este livro” – escreve ele na penúltima página:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (p. 433)

É o estilo a realidade instaurada por Euclides. Perpassa todo o livro. Ainda ali, próximo à citação acima, mas não exatamente o *gran finale*, vemos: “Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5200, cuidadosamente contadas.” A última página, propriamente, é dedicada ao Conselheiro. À exumação do seu cadáver, morto e enterrado semanas antes. “Dádiva preciosa” – escreve Euclides – “único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra!” A palavra *opimos* que registramos não é usual; quer dizer “excelente, rico”. Mas em “despojos opimos”, se quer dizer (vem dos romanos) as armas do general inimigo, morto e despojado pela mão do general vencedor. Que despojos!

Mas há que regressar ao início do livro e falar um pouco mais da guerra. Do cenário, inicialmente.

Sertão da Bahia.

Para os leitores estrangeiros de João Guimarães Rosa, um dos maiores ficcionistas do Brasil – *Grande sertão: veredas* é o título de sua obra mais conhecida –, o sertão é também uma terra de cangaceiros e de homens corajosos. Há por certo uma distância de mais de quinhentos quilômetros a separar o universo descrito por um e pelo outro escritor; mas umas diferenças na topografia e na vegetação não são suficientes para destoá-los. O sertão é grande e, sobretudo, está dentro da gente – como escrevera Rosa. Situada ao norte, a região descrita em *Os sertões* já se acha hoje inteiramente dentro do polígono das secas, um deserto que anda e maltrata; ao tempo da guerra, talvez também já estivesse. A cidadela de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, não era, pois – longe disto –, de modo algum uma terra fértil. Assim como nenhuma das redondezas. Hoje, um século depois dos fatos, a região é ainda das mais pobres do país, mesmo após os relativos benefícios que o grande açude que fez inchar o Vaza-Barris e submergir a antiga Canudos, teimosamente reerguida, trouxe aos lugares. Já se pode transitar por ali não mais por estradetas de pedregulho e pó; estradas asfaltadas suavizam um pouco da crueza. E há um fato que também se pode observar: pequenos (e em geral simplórios) museus evocando aquela guerra pontilham aqui e ali, nos povoados e nas cidades; é como se se buscasse manter viva uma lembrança que, na verdade, nunca morreu mesmo de todo. Muito do que existe em tudo isso não passa de fábula: histórias são repassadas oralmente de geração para geração. Mas fábula que se quer “mais real do que a realidade”, que de modo algum é inferior à realidade vigente. Nos anos 80, fazendo pesquisas por ali, ainda dei com um herdeiro daqueles combates, velho mais que centenário. Como de tempos em tempos turistas encantados buscassem ainda mais encantar-se, era comum que as gentes consultadas os encaminhassem àquele último remanescente. Parentes do velho, ávidos de alguns trocados, faziam-no levantar-se do catre de couro cru, trôpego, os olhos desacostumados à luz do simples dia, para narrar suas bravuras. Queria-se naquele homem o último jagunço. Que não foi. O pobre do velho, por certo já abusado das explorações dos tataranetos, insistia que não lutara coisa alguma, tinha apenas uns quinze anos na época e o que fizera fora, como muitos outros, fugir. No dia da batalha final ouvira, sim, os ribombos da “matadeira”, o canhão terrível da República. Mas que lutara, não lutara. E queria voltar ao seu escuro quarto para morrer dignamente. Frustrados com o velho doido, os tataranetos nada mais podiam fazer senão coletar os minguidos trocados recebidos.

A realidade do velho versus a lenda. Percebem o poder do livro? Sou escritor, é verdade, e devo estar por meu turno criando uns fatos. A rigor, todos nós estamos

criando os fatos: nossa memória é curta e a realidade é imensa. / Isto me faz lembrar Anatole France justificando por que não lia Proust: “A vida é muito curta e Proust é muito longo.” / Mas não sou o único, dentre os escritores propriamente, a estar criando os fatos. O romancista peruano Mario Vargas Llosa ficou tão impressionado com *Os sertões* que o romanceou; *A guerra do fim do mundo*, foi este o título que lhe deu. Não o li, quero logo dizer. Pelo menos este livro do grande romancista evitei ler: que seria da “realidade” instaurada por Euclides e tão vivenciadamente instalada no nosso fabulário, acrescida, mudada, estilhaçada agora ao bel prazer de um estranho? Não o li e desaconselho mesmo que o leiam. Não por amor à realidade primeira, que, como vimos, não se firma nos pés, mas por amor da própria literatura. Euclides é superior. Em Euclides, a realidade é maior do que a realidade; no escritor peruano, ela é apenas outra. Este “maior do que a realidade” evocado pelo poeta é justo o que faz a diferença. Só a realidade maior do que a realidade vale mesmo a pena.

Paro de filosofar. Volto a *Os sertões*.

As caatingas. Chama-se de caatinga – uma palavra indígena, com esses dois aa – a um tipo de vegetação próprio do nordeste brasileiro. Na seca, dá pena vê-la; nas chuvas, é linda. É assim que ainda nos dias de hoje os moradores dessas regiões a apreciam. Euclides a comparava, contrapondo-a, com uma estepe: nesta, escreveu ele, “o viajante tem o desafio de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas.”

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... (p. 37)

E descreve, um a um, os passos dessa cruz: as plantas. São elas os juazeiros, os mandacarus, os cabeças-de-frade (*têtes-de-moine*), os xiquexiques, as palmatórias-do-diabo (*férule-du-diable*), os umbuzeiros, as juremas. As linhas que dedica a cada uma delas são para humanizá-las. Para trazê-las mais perto do nosso coração. Cada povo, imagino, deve ter seu poeta que soube tocar o âmago do mais singelo vegetal. As descrições de Euclides sobre nossa flora, contudo, são das mais eloqüentes. As palmatórias-do-diabo, por exemplo, “opúntias de palmas diminutas, diabolicamente ericadas de espinhos – com o vivo carmim das cochonilhas que alimentam; orladas de

cores rutilantes, quebrando alacremenente a tristeza solene das paisagens...” Assim, a frase se encerrando com as reticências, como se a espelhar o fôlego que se perde ante um deslumbramento. Sobre os cabeças-de-frade, planta de todo curiosíssima para nós próprios, habitante daquilo, as palavras de Euclides, cheias de vértices e de vórtices, parecem preludiar todo o livro:

...deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica. (p. 40)

Mas é ao umbuzeiro que ele chama de árvore sagrada do sertão. Quando viajamos por esses lugares, da estrada mesmo podemos vê-lo. Dá nos pastos, em qualquer lugar. Destaca-se por sua copa, único verde às vezes em toda a extensão das vistas. O umbu, sua fruta, mata a sede. O gado “cobiça o sumo acidulado das suas folhas.

Realça-se-lhe, então, o porte, levantada, em recorte firme, a copa arredondada, num plano perfeito sobre o chão, à altura atingida pelos bois mais altos, ao modo de plantas ornamentais entregues à solicitude de práticos jardineiros. Assim decotadas se-
melham grandes calotas esféricas. Dominam a flora sertaneja nos tempos felizes, como os cereus melancólicos nos paroxismos estivais. (p.43)

O homem é quase uma extensão da terra em Euclides. A frase que abre um dos capítulos desta seção do livro é aquela mesma: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” Só que, antes de tudo, o que Euclides revela desse homem é a sua só aparência. “É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos” – assim o descreve. Mostra-lhe a abatida postura, a em-
prestar-lhe aquela humildade deprimente.

A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. (...) E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica

suspensão pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com um simplicidade a um tempo ridícula e adorável. (p. 91)

Entretanto, diz, toda esta aparência de descanso ilude. Transmutações completas são operadas quando de uma necessidade, súbita precisão.

O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (p. 92)

A precisão súbita pode ser, por exemplo, recolher uma rês trasmalhada; a descrição tem algo de cinematográfico e as palavras são de um poeta (...*acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria...*):

Mas se uma rês *alevantada* envereda, esquiva, adiante, pela caatinga *garranchenta*; ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas. (p. 92)

A biografia de Antonio Conselheiro, que segue a descrição do homem sertanejo, coloca-nos como que diante do cenário prestes a se abrir: o da guerra. “...E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão, em que se apóia o passo tardo dos peregrinos...” Aquele velho centenário que visitamos lembrava-se quase que apenas do camisolão de brim azul, veste única e surrada do beato, e do grande chapéu e das sandálias. Conta Euclides que já naqueles últimos dias da guerra, em 1897, um caboclo lhe dissera ter conhecido aquele Antonio Mendes Maciel, apelidado o Conselheiro, nos sertões de Pernambuco, estado vizinho da Bahia. Desde moço, misterioso; andando sem rumo certo, indiferente à vida e aos perigos, dormindo ao relento à beira dos caminhos, “tornou-se logo alguma coisa de fantástico ou *mal-assombrado* para aquelas gentes simples. Ao abeirar-se das rancharias dos tropeiros aquele velho singular, de pouco mais de trinta anos, fazia que cessassem os improvisos e as violas festivas.”

A beleza era-lhe a face tentadora de Satã – diz Euclides. “O Conselheiro extremou-se mesmo no mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros.”

O homem não só aconselhava ou fazia sermões; também escrevia. Sabia articular seus pensamentos de algum modo e impressionava. Profeta, viera para anunciar o fim dos tempos.

Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão (sic); então o certão virará praia e a praia virará certão.

Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho.

Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças.” (p. 128-9)

Essas foram algumas das frases que correram mundo. O cinema nacional e a canção popular escolheram uma delas para cavalo de batalha – e não custa repeti-la: “O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão.” Metade da população brasileira a conhece.

Só então, depois de ter dissertado sobre a terra, o homem e o herói do livro, é que Euclides da Cunha nos introduz na cidade-fortaleza, Canudos – “uma tapera de cerca de cinqüenta capuabas de pau-a-pique” no ano de 1890 –, em seis anos transformada na “Tróia de taipa dos jagunços” e suas quinze a vinte mil almas. O livro nos toma, então, o fôlego e não mais queremos abandoná-lo. Euclides elenca os outros personagens: José Venâncio, Pajeú, Lalau, Chiquinho, João da Mota, Pedrão, Estêvão, Joaquim *Tranca-pés*, Raimundo *Boca-torta*, *Chico Ema*, Norberto, *Quinquim de Coiqui*, Antonio *Fogueteiro*, José *Gamo*, Fabrício de Cocobocó, Macambira, Vila Nova, João Abade, Antonio *Beato*, José Felix, *o Taramela*, Manuel Quadrado.

Que durmam em paz e nos perdoem.



BRASILEIRO, Antonio. Euclides e a criação da realidade: Os Sertões. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, n°1, 2002, p. 174-182.

Antonio Brasileiro Borges é Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Letras pela UFMG. Dentre seus livros publicados estão: *Antologia Poética* (1996), *A montanha* (contos, 2000) e *Pequenos assombros* (poesia, 2001). É escritor e pintor.